

collided - em rota de colisão
série dirty air | livro 2
lauren asher

Tradução de Isabel Baptista

*Às Sophie Mitchells que andam por aí.
Sejam diferentes. Sejam genuínas. Sejam vocês mesmas.*

PLAYLIST



COLLIDED - EM ROTA DE COLISÃO - LAUREN ASHER



- | | |
|--|--------|
| Break Free — Ariana Grande ft. Zedd | 3:34 + |
| I Just Wanna Shine — Fitz and The Tantrums | 3:26 + |
| Can I Kiss You? — Dahl | 3:27 + |
| Greenlight — Jonas Brothers | 3:00 + |
| Butterflies — Kacey Musgraves | 3:38 + |
| Trying My Best — Anson Seabra | 3:42 + |
| What I Like About You — Jonas Blue | 3:55 + |
| There's No Way — Lauv ft. Julia Michaels | 2:54 + |
| All To Myself — Dan & Shay | 2:49 + |
| Break My Heart — Dua Lipa | 3:41 + |
| Symphony — Clean Bandit ft. Zara Larson | 3:32 + |
| Yellow — Coldplay | 4:26 + |
| Fight Song (Acoustic) — Rachel Platten | 3:23 + |
| What Have I Done — Dermot Kennedy | 3:36 + |
| Cross Me — Ed Sheeran ft. Chance the Rapper | 3:26 + |
| Falling like the Stars — James Arthur | 3:32 + |

PRÓLOGO



SOPHIE

Há três anos

Sabem o que acontece quando as pessoas fazem dezoito anos? Têm noites plenas de liberdade, de experiências e de vinho de pacote. Para mim, os dezoito anos não se parecem nada com isso — ou pelo menos ainda não.

O James Mitchell consegue farejar sarilhos a um quilómetro de distância, porque o facto de conviver com os *bad boys* que correm na Fórmula 1 ensinou-lhe algumas coisas sobre como lidar com uma filha. Desde que nos mudámos da Califórnia para Itália, quando eu tinha cinco anos, recebo o mesmo tratamento que os pilotos da Bandini que ele dirige. Em casa dele, eu cumpro os seus três *R*: respeito, regras e responsabilidades.

O meu pai deixou-me acompanhá-lo num Grande Prémio este verão, antes de começar as minhas aulas na universidade. Uma ocasião rara, visto que ele me tem mantido afastada do mundo das corridas desde que me cresceram as mamas e que aprendi que roupas é que favorecem as formas do meu corpo.

Esta manhã, fartei-me de arrastar os meus pés pelo nosso quarto de hotel, com os braços cruzados e o lábio inferior totalmente esticado num beicinho, enquanto o meu pai mantinha uma expressão impassível, sem um único cabelo grisalho fora do sítio, sem pestanejar e sem vacilar, enquanto eu protestava contra o seu plano.

Adivinhem quem ganhou essa batalha? Não fui eu, caso se estejam a perguntar, mas obrigada pelo apoio moral.

Em vez de poder ficar na garagem da Bandini, o meu pai designou-me como voluntária para me vestir de princesa numa festa de anos de um miúdo e fazer pinturas nas caras das crianças. Não se deixem enganar pela aparência,

porque eu posso ter a mesma altura que os miúdos de oito anos que andam por aí, mas os meus miolos, esperteza e atrevimento compensam a minha pequena estatura.

Eu sou como uma espécie de *Starburst* de limão — doce, mas com um grande impacto.

Passo as mãos pelo fato ridículo de Rapunzel que o meu pai comprou. Desta vez, o tiro saiu-lhe pela culatra, porque não se apercebeu que me comprou um tamanho de criança. O tecido aveludado mal consegue conter os meus seios, o que sugere que quero oferecer muito mais do que doces e pinturas faciais aos convidados desprevenidos. A saia fica-me acima do meio da coxa, revelando as minhas pernas bronzeadas e uns *Converse* brancos, porque aqui esta princesa usa sapatos confortáveis. Que se lixem os saltos altos e o facto de estar a fazer o papel de uma princesinha chata que precisa de ser protegida por um príncipe bonito.

Não, obrigada. Prefiro salvar o dia de ténis.

Deixo de lado a atitude azeda quando chego à festa. Pintar caras pode ser um trabalho porreiro, que me permite mostrar talentos artísticos que hoje em dia estão reduzidos a quase nada.

Sabem, é que eu adoro arte desde que peguei num pincel aos dois anos de idade e decidi pintar as almofadas de lona dos bancos da nossa cozinha, sob a influência de demasiados episódios do *Bob Ross*. O meu pai não ficou lá muito contente quando se sentou em cima da tinta molhada e ficou com um girassol estampado no rabo. Adoraria dizer que nesse dia nasceu uma artista, mas o meu pai não apoiava a minha criatividade como algo mais do que um passatempo.

Por isso, agora, em vez de tirar uma licenciatura em qualquer coisa relacionada com arte, vejo-me na obrigação de frequentar uma faculdade vocacionada para cursos de gestão.

Quase adormeço só de pensar nisto.

Mas quero deixar o meu pai feliz porque ele nunca me deixa ficar mal. A culpa é da menina do papá que há em mim. Ele faz muito por mim, desempenhando simultaneamente o papel de mãe e de pai, por mais constrangido ou desconfortável que isso o deixe.

Pelo menos hoje posso criar miniobras de arte nas caras de toda a gente. Escolho temas diferentes para cada pessoa porque não sou uma menininha básica. Nunca fui criada dessa forma, desde que o meu pai me comprou uma mochila de *A Guerra das Estrelas* em vez de uma das princesas, porque uma filha dele nunca iria acreditar em contos de fadas.

Vou mexendo no meu telemóvel para passar o tempo. Os miúdos passam para os insufláveis, já não se divertindo com o palhaço ou comigo. O dito animador de festas lança-me sorrisos maliciosos do outro lado do relvado, fazendo estranhos movimentos fálicos com os seus balões de animais, enquanto me faz sinais para que eu lhe ligue.

Alguém se encosta à mesa onde eu dispus os meus materiais de pintura. Os meus olhos vão subindo por umas pernas metidas numa calça de ganga antes de pousarem nuns braços dourados cruzados sobre um torso firme. Os músculos tensos esticam o tecido preto. Sustenho a respiração quando os meus olhos encontram outros dois, azuis e gelados, da cor dos glaciares do Ártico que estão a derreter.

Eu sou uma artista, não sou uma poeta.

— Pestaneja duas vezes se te estiverem a manter aqui contra a tua vontade — diz-me ele com um sorriso. A sua voz tem indícios de um sotaque que não consigo identificar, com um inglês suave mas ao mesmo tempo diferente.

A minha boca abre-se mas volta a fechar-se. Porque, *c'um caraças*. Este tipo tem ar de quem devia estar a surfar numa praia algures, com o cabelo loiro e uma pele com um brilho de verão. Olho em volta para me certificar de que estou no aniversário de uma criança e não a sonhar acordada. O insuflável aos saltos e a algazarra dos gritos dos miúdos lembra-me que tudo isto é muito real.

— Oh, merda. Eu sabia que havia alguma coisa estranha no Evan. Quem diria que ele gostava de sequestrar miúdas giras e vesti-las como personagens da Disney em versão pornográfica? — Os olhos do estranho percorrem o meu corpo de cima a baixo.

As minhas faces ruborizam-se incontrolavelmente sob o seu olhar, com reações novas a despertarem dentro de mim diante deste homem.

— Oh, meu Deus. *Não*. O Evan tem sido muito simpático comigo, mas é só isso. E ele é casado. Eu estou aqui para pintar a cara dos miúdos e tal. A filha dele pensa que eu sou a Rapunzel. — Ponho-me a remexer nos tubos de tinta enquanto divago e caem-me uns quantos ao chão.

Inclino-me para apanhar os tubos. O estranho antecipa-se a mim e os nossos dedos roçam um no outro, com um calor a irradiar do seu toque. O meu coração dá um salto com o contacto.

Hum. OK.

O estranho olha para o meu peito quando me levanto, com as tintas nas mãos. O meu cabelo louro tomba para o lado quando me viro para a mesa, a querer esconder o meu estado de perturbação. Todo este encontro está a

correr terrivelmente mal, fazendo com que pareça que não sei como me comportar ao pé de alguém injustamente atraente.

Será que posso culpar o facto de ter andado numa escola católica só para raparigas durante toda a minha vida? Parece-me plausível.

— Ah, ela tem voz. — Ele solta uma gargalhada áspera, com o peito a estremecer antes de se dominar.

— Dah...

Aponta para os diferentes pincéis que coloquei numa linha perfeita, com os seus dedos grossos a demorarem-se em cima de um tubo de tinta.

— Gostas de pintar?

— Adoro-o como se fosse um *affair* sórdido. É um segredo escondido, só conhecido por uns quantos privilegiados.

— Eu adoro um bom segredo. — Ele leva um dedo aos lábios, atraindo os meus olhos para os seus contornos cheios.

— Tu e toda a gente. Queres partilhar um dos teus, só para ficarmos quietes? — A minha boca funciona mais depressa do que o meu cérebro, sem me preocupar o suficiente para filtrar as minhas palavras.

— Eu sou péssimo com segredos — encolhe os ombros.

— Ora, e eu sou péssima a conversar. — Cruzo os braços por baixo do peito, fazendo com que as minhas mamas subam uns centímetros. *Ups*.

Os olhos dele baixam quando eu descruzo os braços.

— Tens uma faceta mordaz. Está bem. Eu gosto de ler pelo menos um capítulo de um livro todas as noites antes de ir para a cama. É uma tradição que tenho desde a infância e que ainda mantenho, apesar de ter uma agenda muito preenchida. — Ele faz a sua confissão como se aquilo fosse um segredo indecente, algo que contrasta com a sua imagem atlética. De alguma forma, isso torna-o mais *sexy*.

— Qual é o teu livro preferido? — A dúvida nota-se na minha voz.

— Se tens um preferido, não confio em ti. Qualquer amante de livros tem pelo menos cinco que consegue nomear logo de caras. — Os seus olhos azuis fixam-se nos meus.

Oh, uau. Este gajo gosta mesmo de ler. Ele sorri quando eu reviro os olhos quase automaticamente, sem grande picardia.

— Muito bem, então diz lá qual é o teu autor preferido, já que és tão erudito. — A minha voz está rouca. Imagino-o na cama, com o cabelo loiro des-penteado, com uns óculos de leitura e um livro grosso de capa mole, porque ele deve preferir um livro prático do que andar com um pesadão de capa dura.

Suspiro. Maldito seja ele e o seu segredinho *nerd*.

— Brandon Sanderson. Não faças perguntas — baixa a voz.

— Um homem que prefere viver numa fantasia. Que giro.

— Eu seria a tua melhor fantasia, sem precisar de livros.

Um miúdo vem até ao meu posto de pinturas e senta-se no banco à minha frente.

— *Ciao, amico. Che cosa vuoi...* — viro-me para a criança.

— Caramba. És uma brasa e falas italiano. — Faz-me um sorriso largo antes de se virar para o miúdo. — Vinte euros. Pira-te. — O fulano de cabelo loiro e olhos azuis estende-lhe uma nota estaladiça, sacada diretamente de uma carteira de marca. O miúdo depreende o sentido das suas palavras, agarra na nota e põe-se a andar, deixando-nos outra vez sozinhos.

Rio-me do ridículo da situação. O meu novo conhecido apanha-me desprevenida quando se senta e cruza os braços.

— Faz a maior porcaria que conseguires. — O seu sorriso malicioso enche-me o peito de calor. É uma sensação nova que não consigo identificar, com um ardor que sobe até às minhas faces.

— Como queiras. Mas não sei se vais conseguir lidar com isso; nem comigo, já agora. — Faça-lhe um sorriso brincalhão. Se o meu coração não estivesse às marteladas no meu peito, ficaria orgulhosa pela minha ousadia.

— Por favor. Não insultes os meus talentos. — Leva uma mão larga ao coração e faz o lábio estremecer. Gosto da forma como ele arrasta as vogais e enfatiza os *T*, com um sotaque difícil de identificar, mas muito diferente do meu sotaque italo-americano.

— Os teus dois talentos? — abano a cabeça.

Ele inclina a cabeça para trás e solta uma gargalhada profunda, sem se importar com os pais ali à volta, que estão a olhar para nós.

— E que dois talentos é que tu achas que eu tenho? Conta lá. — Sorri para mim, revelando uns dentes brancos e direitinhos. Vem-me à cabeça a ideia de lhe borrar aquela carinha perfeita, para lhe estragar a beleza e lhe retirar parte da sua atração.

Bato no meu queixo com o cabo do pincel.

— Subornar as pessoas e não aceitar uma dica. Duas características muito indesejáveis, se é que o posso dizer.

Ele abana a cabeça para mim, com os seus lábios a tentarem conter um sorriso. Espremo a tinta preta para a paleta e rodo o meu pincel pela pasta negra.

Os meus dedos levantam-lhe o queixo, revelando uns olhos brilhantes e umas pestanas espessas, de um louro baço.

— Agora fica quieto. Não quero estragar o resultado ainda antes de começar.

O estranho estremece quando os meus dedos se encostam à sua cara e o meu pincel percorre a sua pele, com a tinta preta a cobrir-lhe a pele bronzeada. Ele cheira a limpo e a caro, uma mistura de banho acabado de tomar com uma colónia de marca. Os seus olhos azuis permanecem no meu rosto o tempo todo, exceto quando lhe peço que os feche para eu pintar as suas pálpebras.

A sua atenção óbvia surpreende-me. Tento manter-me focada, ciente do desejo que sinto por ele, desde a forma como as minhas faces coram até à sensação da minha pele a aquecer quando toca na dele.

Concentro-me na minha tarefa, ignorando os seus olhares. Ele parece jovem, mas ainda assim demasiado velho para mim. Acho que deve ter uns vinte e tal anos, pelo seu aspeto, mostrando pequenas rugas de expressão quando se ri. Os nossos rostos permanecem a poucos centímetros de distância enquanto eu pinto a cara dele, familiarizando-me com cada sulco e cada cicatriz que lhe marca a pele. A tinta preta realça as suas maçãs do rosto bem definidas.

Percorro a curva do seu pescoço com a ponta do pincel, provocando-lhe um ligeiro arrepio — um arrepio tão subtil que quase me escapa.

— Não te importas que te pinte o pescoço?

Os seus olhos de pálpebras pesadas captam os meus.

— Posso beijar o teu depois?

— Vou ignorar-te porque tu és demasiado velho para mim. — Gostava de poder retirar estas palavras no instante em que elas saem da minha boca.

— Quem disse?

— Disse o facto de pareceres ter uma conta poupança decente e um emprego estável.

Os seus olhos luminosos deixam-me suspensa num transe.

— Que princesa tão observadora. O que é que em mim está a denunciar que tenho uma grande conta bancária?

— Eu ando com uns *Converse*, com o orçamento de uma estudante universitária do primeiro ano, enquanto tu usas ténis *Gucci* e corrompes crianças com uma carteira *Louis Vuitton*.

— Ah, que perspicaz. Com dezoito anos és realmente demasiado novinha. — Os olhos dele desviam-se para o lado.

— Sim, mas estás com sorte, porque eu não sou demasiado novinha para te surpreender. — Toco-lhe com o meu pincel no rosto, a indicar o meu trabalho artístico.

Ele ri-se e, por alguma razão, gosto de o fazer sorrir. Pego no espelho em cima da mesa e mostro-lhe o seu aspeto.

— C'um caraças. Tens mesmo muito talento com um pincel. Pareço ser o pior pesadelo de alguém.

Isso é porque és mesmo.

Ele lança-me um sorriso que me faz sentir todo o tipo de coisas, tanto boas como más. É difícil ignorar o desejo que sinto por ele, apesar da nossa diferença de idade.

Sorriso para a pintura da caveira que fiz. Os ossos da coluna vertebral descem-lhe pelo pescoço, intercalados por músculos pintados a preto e branco, que desaparecem por baixo da sua *t-shirt* preta. Os seus olhos azuis contrastam com a pintura negra. Reduz o seu sorriso e revela a fila de dentes que eu criei. O *design* está assombrosamente lindo, tal como ele, um homem demasiado velho e demasiado malicioso para alguém como eu.

— Uau. Liam, nem sequer me apercebi de que eras tu com essa pintura medonha. A Sophie é talentosa, não é? — Evan, o homem que me pediu para fazer esta tarefa ridícula, interrompe o meu momento com o *Liam*.

O Liam levanta-se da cadeira. As suas pernas compridas tornam a tarefa extremamente fácil, chamando a minha atenção para o seu corpo — para o seu corpo firme e esculpido até à perfeição.

O Evan dá uma pancadinha nas costelas do Liam.

— Sophie, fizeste um trabalho fantástico. Combina com o facto de que o Liam vai ficar absolutamente morto quando não conseguir subir ao pódio no próximo domingo.

— Isso é o que tu dizes sempre, mas eu dou-te cabo do canastro quase todas as vezes. — A voz do Liam tem um toque de irritação.

Começo a ligar os pontos porque a Fórmula 1 só tem um piloto chamado Liam.

O caraças do Liam Zander. A estrela mais venerada da Alemanha, em ascensão na Fórmula 1, que faz furor com o Noah Slade e o Jax Kingston desde que eram muito novos e faziam *karting*. O piloto que está a caminho de ganhar o seu primeiro Campeonato do Mundo este ano. O mesmo homem que é quase sete anos mais velho do que eu.

Porra. Tenho estado a namoriscar com um piloto de Fórmula 1. O meu pai matava-me se descobrisse, e nunca mais me deixava sair do recinto da Bandini.

O Evan tira uma fotografia da cara do Liam.

— A sério, esta maquilhagem é incrível. Ótimo trabalho. A minha filha

adora a Sophie desde que a viu na zona das *boxes* da Bandini. O James Mitchell mantém-na escondida, mas eu pedi-lhe que nos emprestasse os seus talentos para hoje. — O Evan olha para mim. — Não te esqueças de me lembrar de te pagar pelo teu tempo.

Faço um gesto de indiferença, concentrando-me em regular a minha respiração em vez de me preocupar com o que ele diz ao Liam. O Evan despede-se apressadamente, dizendo que tem de ir ver os miúdos.

— Ora então tu és um piloto... — Os meus dentes rangem com um descontentamento mal escondido, a cerrar e a abrir as minhas mãos. Odeio o facto de gostar tanto que os seus olhos me percorram. Parece que ele quer memorizar a forma como o meu fato estúpido se comprime sobre o meu corpo, gravando este dia na sua memória. E pior, eu adoro a maneira como a atenção dele me faz sentir.

— Hum, é o que dizem. E tu és a Sophie, uma princesa?

O meu nome rola na sua língua como se o quisesse testar, com o seu sotaque alemão a fazer sobressair o som final.

Endireito-me mais.

— Podemos dizer que sim. Mas nesta história eu não preciso de ser salva.

— Não, não precisas. Talvez sejas tu quem faz os salvamentos. — Os lábios dele contraem-se.

O seu charme tenta encobrir a estranha sensação de mau presságio que as suas palavras transmitem. Elas assentam pesadamente no meu peito, bem como a curiosidade de perguntar o que ele quer dizer.

O Liam passa os nós dos seus dedos pela minha cara e a textura áspera faz disparar todas as minhas terminações nervosas. Uma faísca equivalente a um quadro eléctrico a rebentar.

— Mas tu és muito novinha e muito inocente. E este não é o momento certo. Talvez se nos encontrarmos de novo em circunstâncias diferentes, noutra altura.

O Liam ri-se para si mesmo enquanto os seus olhos percorrem o meu corpo, sem me dar tempo para responder, muito menos para processar as suas palavras.

— Tu não és uma princesa. Tu és uma rainha do caraças. Não deixes que ninguém se esqueça disso, nem mesmo tu. As pessoas pensam que o rei é o mais importante, mas a rainha é que derruba todas as outras peças. Boa sorte lá na universidade e bebe uma cerveja em minha honra.

Ele lê livros e usa referências de xadrez. O Liam Zander é um *nerd* no armário, e o facto de perceber esse segredo provoca-me um sorriso.

Ele afasta a mão e fica a olhar para os nós dos seus dedos. Uma expressão confundida atravessa-lhe o rosto antes de ele a disfarçar e de me lançar um sorriso, com a pintura sinistra a cobrir a sua cara perfeita. Pisca-me o olho por cima do ombro e afasta-se, deixando-me a mim e à festa atrás de si.

Bolas. Acho que ele acabou de me dar cabo da cabeça.

CAPÍTULO UM



LIAM

Há dois anos e cinco meses

O toque do telemóvel arranca-me do meu sono. Os lençóis fazem uma res-tolhada enquanto a minha mão procura o telemóvel às escuras. Carrego no botão verde sem verificar, porque poucas pessoas me ligariam a esta hora sem uma razão importante.

— Tens de vir já para aqui. A Johanna acordou com uma contração, mas não temos a certeza se é a sério, se são gases ou se é uma contração de Braxton Hicks. Ela já está demasiado adiantada, por isso não quero arriscar. — A declaração do meu irmão limpa a sonolência dos meus olhos.

— Tu andaste na faculdade de medicina. Como é que não percebes a diferença?

— Meu palerma, eu estou em neurologia, não em ginecologia e obstetrícia. Por via das dúvidas, preciso que pegues na Elyse e a leves para casa dos pais.

Salto da cama, quase a deixar cair o telemóvel.

— Estou aí daqui a dez minutos.

O Lukas termina a nossa chamada sem se despedir.

Felizmente, decidi ficar na Alemanha durante a época natalícia, uma vez que a Johanna está prestes a dar à luz. Ignoro o facto de me doerem os tomates só de pensar no parto.

Arranjo-me rapidamente, com a adrenalina a correr-me pelo corpo. Em poucos minutos, entro no meu jipe e encaminho-me para o bairro do meu irmão. Ele tinha tudo isto planeado há meses para garantir que eu estaria na cidade quando ela desse à luz. Com o parto da Johanna previsto para qualquer momento, o Lukas está em alerta máximo. A sério. Já quase convenceu a Jo a ir para o hospital uma vez por causa destes «falsos alarmes.»

Encosto junto à entrada da garagem deles, estaciono o carro e saio. As luzes brilham em todas as janelas da casa de dois pisos. O meu irmão abre a porta da rua enquanto eu me dirijo para a entrada coberta, com o lustre a envolver o Lukas num brilho dourado. Ele passa uma mão agitada pelo cabelo louro, com rugas a gravarem-lhe a pele junto aos seus olhos azuis-claros, enquanto me lança um sorriso nervoso.

Puxo-o para um abraço, ficando frente a frente com ele.

— Ora se não é o homem do momento... Diz-me, qual é a sensação de ver a tua produção prestes a dar frutos?

— É quase tão boa como a da Johanna a gritar comigo para recolher tudo o que precisamos, por precaução. Ela está a achar que é desta.

— As águas dela ainda não rebentaram?

— Não, mas é melhor prevenir do que remediar.

A Johanna, toda bonita, com cabelos castanhos e olhos de corça, passa pelo meu irmão. As suas faces afogueadas dilatam-se enquanto vai inspirando e expirando profundamente, mas os seus lábios contraem-se ao ver-me.

— Os homens deviam ser como os cavalos-marinhos. Eles podem engravidar e dar à luz. Li que são uns pais espetaculares, enquanto as mães são só uns bichinhos marinhos que não fazem nada.

Abano a cabeça para ela.

— Tens de te acalmar. Estás a ficar toda vermelha e tudo.

A Johanna não mudou nada nos dez anos em que a conheço, sempre a ficar afogueada em situações de tensão. Ela era do tipo de me dar uma coça por entregar o nosso trabalho de laboratório no fim da aula em vez de o dar logo ao início. Enquanto as outras raparigas do liceu andavam atrás da minha gaita para obterem passes de livre acesso, a Johanna corria atrás de mim para terminar os trabalhos de casa e estudar para os testes. Ao contrário das outras, ela não deixou que me descuidasse por já conduzir na Fórmula. Tenho de lhe agradecer por ter conseguido terminar a escola.

Ela abana um dedo para mim, com os seus olhos castanhos a brilhar.

— Podes dizer-me para ter calma quando tiveres de expulsar do teu corpo um bebé do tamanho de uma melancia.

O meu irmão olha para mim com uma cara de horror. Eu podia viver uma vida feliz sem ficar com essa imagem, porque por acaso gosto de melancia.

— Não me faças essa cara. Isto é tudo culpa tua. — Ela olha fixamente para o Lukas, a apontar para a barriga com os dois indicadores.

— Não te ouvi a reclamar durante o ato. — Ele sorri para ela.

Ela dispensa-o com um gesto.

— Esqueci-me das repercussões das nossas ações.

Lanço um sorriso conhecedor ao Lukas.

— Foste tu que a engravidaste três meses depois de terem tido a vossa primeira filha. Querias marcar terreno?

— Adoro como ela fica luminosa com a gravidez. — O Lukas puxa a Johanna para ele, antes de lhe dar um beijo na cabeça. Ele herdou a sua preferência por demonstrações de afeto enjoativas dos nossos pais, o rei e a rainha dos carinhos excessivos.

— Espero que gastes da palidez pós-gravidez, porque a única iluminação que vais ter é a do frigorífico às duas da manhã, quando deres de comer à Kaia — murmura a Johanna contra o seu peito.

Eu, pelo meu lado, estou ansioso para conhecer a Kaia, a melancia da Johanna e a futura adição à nossa família maluca.

— Ela tem muito jeito com as palavras, não tem? — Os braços do Lukas apertam-se à volta da Johanna antes de a soltarem.

— Vocês os dois dão-me náuseas. — Finjo que vou vomitar.

— Quando te casares, vais perceber. Até lá, só te posso agradecer por me teres escolhido para tua colega de laboratório. Afinal, o gajo mais giro de biologia tinha um irmão à altura. — A Johanna pisca o olho ao marido.

— O Lukas é que decidiu avançar antes de eu ter oportunidade de tentar.

— Nunca tiveste hipótese. Bastou ela olhar para mim para ficar arrumada. Só tivemos de esperar que deixasse de ser ilegal — diz o meu irmão por cima do ombro, a correr pela escada acima.

A Johanna faz-me um sorriso hesitante.

— Lamento que tenhas sido relegado para a zona da amizade há tantos anos. Mas quem é que conseguiria resistir ao capitão da equipa de hóquei?

— Eu esperava que tu, a presidente do Clube das Nações Unidas, conseguisses resistir, mas agora estás grávida com a prole do meu irmão. Pensei que me ias querer a mim pela minha inteligência e não ao Lukas pela sua força bruta.

— Uma vez que eu sou um neurocirurgião residente... — O Lukas desce as escadas com cuidado, com a Elyse adormecida num braço e uma mochila de fim de semana no outro.

— Não gosto mesmo nada da forma como vocês agora se juntam contra mim. Antes de a Jo fazer os dezoito anos costumava ser ao contrário.— cruzo os braços.

— Não sejas assim. Olha para ti, um grande piloto durão da Fórmula 1 que ganhou recentemente o seu primeiro Campeonato do Mundo. Afinal,

trocaste os livros pela força bruta. — A Johanna puxa-me para um abraço. A sua barriga saliente torna aquilo difícil, mas ela enrosca-se em mim, envolvendo-me no seu aroma a rosas.

— Eu nunca me desfiz dos livros — respondo com desdém. — A única coisa que mudou foi o facto de as raparigas já não irem ter comigo à biblioteca.

— Espero mesmo que assentes em breve. Não vais querer manter esse tipo de miúdas das corridas a longo prazo, porque elas andam atrás de ti pelo teu nome e não pelo teu coração. Além disso, eu não posso ser a tua única amiga do sexo feminino. Tu és um bocado carente. — Ela deita-me a língua de fora antes de se bambolear pesadamente até à porta da frente.

— O quê? Desde quando? É a primeira vez que estou a ouvir essa.

— Desde sempre, homem. Ainda há uns meses enviaste uma mensagem à Johanna, completamente bêbado, às três da manhã, a pedir-lhe que te cantasse uma canção de embalar para conseguires adormecer. Não é que eu me esteja a queixar, uma vez que as tuas chamadas nos acordam aos dois... — Ele lança-lhe um sorriso que eu preferia nunca mais voltar a ver.

— OK, que nojo. Guarda os teus olhos de carneiro mal morto para a próxima vez que a quiseses engravidar. Espero que ambos saibam que essas canções de embalar são a coisa melhor que ouço quando ando em viagem. São ainda melhores do que o barulho das *boxes* num dia de corrida.

A Johanna tem a voz de um anjo e canta como tal. Não consigo evitar a solidão que o meu coiro bêbado sente durante a noite, por passar a maior parte do ano na estrada, com a minha equipa de Fórmula 1.

— Tu precisas *mesmo* de uma namorada. Eu não posso ser a tua única melhor amiga para sempre. — A Johanna ri-se antes de se crispar, a esfregar a barriga.

— Já chega. Vocês os dois têm de ir andando. — Tiro a Elyse dos braços do Lukas.

— Compraste a cadeirinha de que te falei? — O meu irmão olha para a Elyse enquanto eu embalo o seu corpo suavemente.

— Sim, *mamã*. Até fiz questão de trazer o jipe, porque tu detestas o meu descapotável.

— Às vezes gostava que tivesses um descapotável. — A Johanna sorri para o meu irmão.

— Não são seguros — resmungo o Lukas enquanto ajuda a Johanna a entrar no seu *Land Rover*. De alguma forma, em poucos anos, ele passou de um rapaz despreocupado para um novo membro da patrulha de segurança. Tudo começou depois de ter casado com a Johanna, de ter comprado uma casa e

de a ter engravidado. Quem diria que escolher a boazona sossegadinha como parceira de laboratório iria acabar nisto? O Lukas deveria agradecer-me por ter pensado com as minhas hormonas e com a minha necessidade de passar a biologia.

Vou até ao meu jipe, abro a porta com um braço e coloco a Elyse na cadeirinha. A geringonça cor-de-rosa parece desenquadrada naquele interior em cabedal preto. Debato-me com as correias antes de a acomodar, com aquela cara rechonchuda e os cabelos louros, com um ar absolutamente adorável.

Dou um beijo suave na testa da Elyse antes de fechar a porta.

Viro-me para os dois pais sorridentes:

— Vou ter convosco ao hospital assim que a *babysitter* chegar à casa dos pais.

— Espero bem que sim. Até já. — O Lukas acena-me antes de sair da entrada da garagem. A Johanna sorri para mim do banco do passageiro, uma imagem de calma apesar das potenciais horas de sofrimento que vai ter de suportar.

Deixo a Elyse com a *babysitter* antes de seguir rapidamente para o hospital com os meus pais. O meu pai relaxa numa cadeira da sala de espera, enquanto a minha mãe anda de um lado para o outro na salinha acanhada. As suas botas ecoam no chão enquanto ela alterna entre olhar para o relógio e fazer caretas para a porta.

Os meus pais parecem uma dupla da Barbie e do Ken, os dois com o cabelo loiro e a pele ligeiramente bronzeada. A minha mãe olha para mim com uns olhos cinzentos e tempestuosos, com um pânico evidente na sua postura rígida. O seu cabelo loiro balança enquanto ela vai andando para trás e para a frente, num movimento que em nada contribui para a acalmar, enquanto o meu pai faz exatamente o contrário, encostando a cabeça à parede.

— Porque é que não te sentas? — Aponto para a cadeira vazia ao meu lado.

— Não quero sentar-me. Detesto esta parte da espera porque quero poder pegar na Kaia e inspirar aquele cheirinho a bebé. — Ela fecha os olhos e sorri.

— Como diria uma assassina em série... — O meu comentário fá-la abrir os olhos bruscamente. O meu pai ri-se ao ponto de começar a tossir.

A minha mãe lança-lhe um olhar fulminante:

— Não encorajes as piadas dele. Tu é que és o culpado pela maneira como ele fala comigo.

— Alguém tinha de o ensinar a ter sentido de humor. — O meu pai sorri para mim, com os seus olhos azuis a brilhar sob as luzes fluorescentes.

A minha mãe tenta conter um sorriso. Ao fim de mais alguns minutos a andar de um lado para o outro, senta-se ao meu lado, puxando a minha mão para o seu colo, como se eu fosse uma criança em vez de um homem que acabou de fazer vinte e seis anos.

— Lembras-te de quando tentámos fazer um arranjinho entre ti e a Johanna no baile de finalistas?

— Como é que eu me podia esquecer? O Lukas quase me deu um enxerto de porrada à conta disso.

O relvado da frente da casa dos meus pais tem algumas boas recordações, incluindo o pedido de casamento do Lukas no mesmo sítio onde, anos antes, me deu um murro nas fuças.

— Foi nesse momento que eu percebi que eles se iam apaixonar. Era como num filme, com o atleta inteligente e a rapariga tímida. Ele estava apenas a aguardar o seu momento.

— Andas a ver demasiados filmes românticos — abano a cabeça.

A minha mãe procura encontrar finais de contos de fadas em tudo, porque é uma romântica incurável que encontrou o amor da sua vida aos vinte e dois anos. O Lukas seguiu à risca os seus conselhos amorosos, enquanto eu ando por aí a flunar, sem estar propriamente à procura de algo mais neste momento.

As palavras que a Johanna disse há pouco continuam a soar na minha cabeça. Estarei a ser pegajoso por não ter alguém com quem partilhar os meus momentos? Não quero ser visto como um tipo carente. O que são alguns telefonemas com os copos no grande esquema das coisas? Algumas pessoas mandam mensagens a ex-namorados, enquanto eu telefono aos meus amigos, o que não é exatamente um defeito de carácter.

— Se não fossem esses filmes, talvez eu nunca tivesse dado uma oportunidade ao teu pai. — A pele à volta dos seus olhos cinzentos enruga-se quando ela sorri para mim.

Desta vez fico mesmo enjoado.

— Vocês deviam pagar-me a terapia, porque um psicólogo iria ter um dia em cheio com esta merda.

Ficamos sentados durante o que parecem ser horas. Ao contrário da sua estreia com a Elyse, desta vez o Lukas não tem tempo para vir cá fora dar-nos notícias. Vou mexendo no meu telemóvel para passar o tempo. Os minutos vão passando sem que nenhuma enfermeira apareça, o que não nos dá

absolutamente nada para nos sossegar-mos enquanto esperamos. A curiosidade deixa-nos ansiosos enquanto esperamos pelo nosso novo membro da família.

Uma enfermeira entra precipitadamente na sala de espera e confirma se somos a família Zander.

— Houve uma mudança de planos. A Johanna foi levada para a sala de operações devido a algumas complicações. Ainda não temos muita informação para dar, mas alguém virá ter convosco assim que tivermos mais notícias.

— Oh, meu Deus. Espero que não seja nada de grave. — A minha mãe volta a andar de um lado para o outro, deixando o seu livro em cima da cadeira.

— Tenho a certeza de que os médicos sabem o que estão a fazer. — Os olhos agitados do meu pai não correspondem ao tom calmo da sua voz.

— A Elyse nasceu de parto natural. Porque é que desta vez é uma cesariana? — A minha mãe para e pressiona a mão contra o peito, como se aquele gesto pudesse acalmar o seu coração acelerado.

Volto a guardar o telemóvel no bolso, já sem vontade de jogar um jogo estúpido.

— O médico há de dar-nos informações.

Alguns minutos depois, a porta abre-se, revelando um Lukas pálido, com os punhos cerrados à sua frente. Os seus olhos não têm qualquer sinal de vida. Parece desprovido de emoções, como se alguém lhe tivesse sugado a alma, deixando para trás a casca de um homem.

Uma sensação de frio sobe-me pela espinha quando os seus olhos pousam nos meus.

Uma lágrima escapa-se-lhe de um olho. Uma única lágrima que faz o meu peito apertar-se e os meus pulmões arderem. Dá a sensação de que alguém fechou o abastecimento de ar da sala de espera, e o peso da atmosfera sufoca-nos aos quatro. Ficamos em silêncio, a observar o Lukas enquanto o seu peito se agita e os seus olhos ensombrados se pousam em cada um de nós.

Levanto-me da cadeira, com as pernas a tremer enquanto tento recuperar a compostura.

— O que é que aconteceu?

Os seus olhos vazios e sem expressão encontram os meus.

— A Johanna não se safou.

As lágrimas correm-lhe pela cara abaixo e sinto um baque no estômago quando os seus lábios estremeçam. A minha mãe reprime um soluço, ao mesmo tempo que se precipita para o meu irmão e o puxa para um abraço. O

meu pai e eu olhamos um para o outro, sem conseguirmos dizer uma palavra, ambos sem compreendermos nada.

Que raio é que está a acontecer?

O meu irmão está a tremer e as suas pernas estão a ceder, e a minha mãe ajoelha-se no chão com ele. O meu coração bate rapidamente no meu peito, enquanto o meu estômago ameaça despejar o seu conteúdo para cima dos mosaicos beges.

O meu irmão sussurra, como se dizer aquilo em voz alta tornasse as palavras demasiado reais:

— A bebé estava presa. — A voz do Lukas fica embargada. — A tensão arterial da Jo baixou durante a cesariana de urgência e ela... — soluça.

Não me sinto como se alguém me tivesse arrancado o tapete debaixo dos pés. Isso seria demasiado simples, demasiado suave para descrever o pesadelo que se está a desenrolar à minha frente. Sinto-me como se alguém me tivesse arrancado as pernas do corpo, deixando-me num monte de sangue, completamente desamparado, enquanto o meu irmão se vai abaixo numa merda de hospital qualquer.

Isto não pode estar a acontecer.

O corpo do Lukas estremece enquanto ele se encolhe, agarrado à minha mãe, e os seus gritos silenciosos fazem o meu coração encolher-se.

— Ela não se safou. Ela... Ela pediu para me ver a segurar a nossa menina. Era só isso que ela queria. A minha mulher, porra. Ela foi-se. — A sua respiração pesada torna-se agitada e superficial.

Mas que merda, c'um caraças.

A minha melhor amiga desapareceu. A mesma mulher que estava a sorrir para mim há umas horas, a chamar-me carente. A Johanna, a melhor parte do secundário e uma das minhas pessoas favoritas neste mundo. A minha amiga que revirava os olhos quando as raparigas me desejavam pelos meus talentos nas corridas e não pelo meu lado *nerd* escondido. A mulher que roubou o coração do meu irmão e que, ao mesmo tempo, fez com que o meu ficasse completo, deixando a sua marca em cada membro da minha família.

Já não luto contra a náusea quando corro para o caixote do lixo mais próximo, com o meu estômago a revoltar-se e o ácido a invadir-me a boca enquanto lágrimas inéditas me escorrem pela cara. Os meus dedos pálidos tremem quando me agarro ao rebordo de plástico, usando o caixote do lixo como apoio para as minhas pernas vacilantes.

— E a bebé? — A voz da minha mãe ouve-se por cima do som do meu vômito.

— A Kaia está bem. — O meu irmão, o indivíduo reservado que me ensinou a manter a calma, chora nos braços dela, e aquelas palavras roucas saem-lhe dos lábios, a sussurrar para a minha mãe. Não aguento vê-lo destroçado, com o seu aspeto exterior a condizer com o que eu sinto por dentro.

Agarro-me ao caixote do lixo, com medo de o largar, enquanto o meu pai passa uma mão trémula pelas minhas costas.

Detesto ouvir o som do Lukas a chorar. Detesto a merda deste dia. A ideia de perder a minha melhor amiga e de ganhar uma sobrinha é insuportável. Porque raio haveria Deus de pregar uma partida tão cruel, extinguindo uma vida e salvando outra?

Fujo da sala de espera, deixando a minha família para trás, precipitando-me em direção à entrada do hospital. A escuridão que me acolhe combina com as emoções agitadas dentro de mim, mas a lua brilhante parece escarnecer-me enquanto me passo dos carretos no pátio vazio. As minhas pernas cedem e deixo-me cair de joelhos na relva, com as folhas molhadas a esconderem as lágrimas que me escapam dos olhos.

Atiro a cabeça para trás ao soltar um grito rouco, um som doloroso abafado pelas sirenes de uma ambulância que se aproxima. O ar frio queima-me os pulmões quando inspiro bruscamente.

O meu pai aparece do nada e ajoelha-se ao meu lado, puxando-me para si ao mesmo tempo que me abraça.

Não consigo disfarçar a forma como o meu corpo estremece.

— Não percebo. Como é que uma coisa destas pode acontecer? Estamos no século XXI, porra. As pessoas simplesmente já não morrem durante o parto.

— Sinto muito, filho. Não havia nada que pudesse ter sido feito — o meu pai engasga-se.

— E agora? Como é que eu vou conseguir olhar para a Kaia sem pensar *nela*? — Odeio a forma como a minha voz soa fraca aos meus próprios ouvidos.

— Podes olhar para ela e ver a última coisa linda que a mãe dela criou. Ela precisa de um tio, agora mais do que nunca.

Aperto o punho à volta das folhas da relva, puxando pedaços, arrancando-os para aliviar a irritação.

— Eu não a quero a ela. Quero a Johanna de volta.

— Não estás a falar a sério.

— Claro que estou, porra. Quero voltar atrás no tempo e apagar este dia de merda da história. — Não me sinto nem um pouco culpado pela minha

confissão. O aperto no meu peito lembra-me a dor que se instalou no meu coração, pondo à prova a minha sanidade.

— Não podemos. Mas pensa no teu irmão e no que ele está a passar. Sê forte por ele.

Como é que eu posso ser forte por ele quando o meu coração está a passar por um triturador de papel?

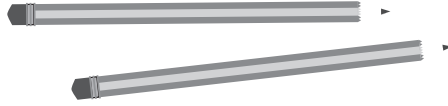
— Não consigo — engasgo-me com as palavras, e a minha voz é um susurro rouco enquanto as minhas lágrimas voltam, inundando os meus olhos ao pensar na Johanna. Lembro-me de nós os dois a fazer uma luta de tinta enquanto montávamos o quatinho da Kaia. Aquela imagem enche-me de pavor e de náuseas outra vez.

Não sei como é que vou enfrentar esta merda. Não estou preparado para lidar com os sentimentos que se estão a formar, com as memórias dolorosas e com a dor surda que se está a instalar dentro do meu peito.

O meu pai agarra-se a mim e ficamos em silêncio enquanto as nossas respirações dolorosas nos escapam da boca.

O dia 30 de dezembro não é apenas o dia da morte da Johanna. É o dia em que desisti de mim próprio, enterrando o meu coração despedaçado tão fundo dentro de mim que, nem que tentasse, conseguiria identificar os seus restos esfarrapados.

CAPÍTULO DOIS



SOPHIE

Atualidade

Sem querer ser dramática, mas acabei de ter o pior sexo da minha vida. Não, não estou a brincar, mas quem me dera estar. É por isso que estou escondida na casa de banho, a sussurrar para mim mesma enquanto o objeto da minha frustração está deitado na cama do meu dormitório.

Andre Bianchi: génio da matemática, vice-presidente da fraternidade de negócios e eleito como *o mais provável de te deixar insatisfeita* duas vezes seguidas.

— Eu devia ter interpretado os preservativos com sabor como um sinal de aviso. Nenhum homem que se preze e que tenha alguma noção sobre o corpo de uma mulher teria preservativos com sabor. A compra mais estúpida de sempre. Além disso, quem é que inventou aquilo? Porque nenhuma mulher no seu perfeito juízo quer lambe um preservativo — sussurro para mim própria, a alisar o meu cabelo louro que mal se despenteou. É mais uma prova da minha péssima vida sexual. O meu cabelo está tão bem como estava esta manhã quando o penteei. A minha maquilhagem mal está borrada, e não há quaisquer sinais de faces rosadas ou de brilho pós-coital. Uns olhos verdes piscam para mim, parecendo tão sem brilho como a minha vida sexual neste momento.

O meu peito aperta-se ao ponto de ter dificuldade em respirar, lembrando-me mais uma vez da minha desilusão.

Claramente, estou a ter mais notas altas do que orgasmos nesta universidade. Não sei porque é que a ideia me incomoda, mas incomoda mesmo. Não ando por aí a dormir com todos, e posso contar os meus encontros sexuais por uma mão. Pior ainda, nenhum deles incluiu um feliz para sempre para mim. Estou a começar a considerar que alguma coisa deve estar errada comigo, porque como é que isto me pode continuar a acontecer?

Os tipos satisfazem-se sem problemas enquanto eu fico a olhar para o teto, perguntando-me que raio é que acabei de experienciar.

Nenhuma endorfina libertada. Nenhuma felicidade pós-sexo. Nada. *Niente. Nicles.*

Este encontro que acabou de acontecer atinge-me profundamente. Qual é o objetivo de frequentar a universidade se vou viver no meu dormitório, mal me relacionando com os outros, a fazer sexo uma vez por ano com um colega de contabilidade desajeitado? A coisa acaba sempre comigo a pedir-lhes para se irem embora com um sorriso, fingindo que eles me deixaram impressionada, quando na verdade lhes chupei a gaita enquanto revia mentalmente a lista das minhas tarefas pendentes.

— Oh, meu Deus. Pensei no meu professor de contabilidade enquanto fazia um broche. Isto é o mais baixo dos baixos — murmuro para mim própria, mal conseguindo conter um gemido.

Não posso permitir que isto me continue a acontecer. A minha personalidade tipo A está a virar-se contra mim, e não exatamente do tipo *Olá, o meu nome é Anastasia Steele e o Christian Grey é o meu papá.*

— Sophie, tu vais sair daqui e dizer-lhe para se fazer à estrada. Já passa da hora de ires para a cama e precisas de dormir para esqueceres este mau humor — suspiro enquanto reúno a coragem necessária para enfrentar o pobre rapaz ali fora.

O Andre foi simpático e educado, até se ofereceu para pagar o jantar. Não quero ser mal-educada, mas tenho dificuldade em perceber o que sinto neste momento. Para ser sincera, sinto-me mais desiludida comigo própria por não me ter soltado, tanto mental como fisicamente. É uma luta genuína entre o esforço para manter o controlo e a tentativa de tirar férias mentais do meu cérebro.

Deito a mão à maçaneta da porta da casa de banho e abro-a de rompante.

— Olá, desculpa lá isto. Acho que está...

Solto um suspiro de alívio ao ver a minha cama vazia. Talvez afinal esta noite não seja um fiasco total. Os meus olhos veem um bocado de papel em cima da minha almofada.

Obrigado por um bocado bem passado. Repetimos no próximo fim de semana?

Não. De maneira nenhuma. Prefiro sair do país a voltar a vê-lo.

Espera. Isso é que é uma ideia.

Tiro uma garrafa de vinho branco recentemente aberta do meu minifrigorífico enquanto ligo o meu portátil. Dispensso o copo e bebo uma grande golada diretamente da garrafa enquanto abro o calendário da Fórmula 1 do meu pai. Ele já reservou o voo do próximo mês para Melbourne.

Abro o Pinterest, perguntando-me como será Melbourne. Ao percorrer alguns *posts* enquanto vou tomando golinhos de vinho, carrego num com o título *Lista de Desejos*.

Acabo por ser sugada ainda mais para a terra da perda de tempo e dos *pins*, percorrendo várias listas de viagens. A culpa é do meu ardente sentido de curiosidade em relação ao que as pessoas inventam. Adoro uma boa lista, mas nunca tinha pensado em metade destas coisas malucas. A minha cabeça vai ficando cada vez mais toldada enquanto continuo a bebericar o vinho e a fazer pesquisas.

As minhas sobranceiras erguem-se quase até à raiz dos cabelos quando uma *Lista de Desejos Marotas* aparece no meu *feed*. A curiosidade está a devorar-me quando abro a lista. *Marota* é uma palavra que nunca associei a mim mesma. Pelo menos desde que tinha cinco anos e o meu pai ameaçou dizer ao Pai Natal que eu merecia receber carvão no Natal, depois de eu ter entornado um batido no interior do seu McCoy Illusion.

C'um caraças. As pessoas são altamente criativas. Passo demasiado tempo a ver várias listas de marotices. Podia estar a estudar, ou a dormir, ou a procurar um namorado novo numa aplicação de encontros. Mas não. A minha bebedeira diverte-se a guardar os meus itens sensuais favoritos. Onde é que estava esta descontração há duas horas?

Não sei se é a minha noite solitária ou o vinho que consumi que me inspira a abrir a minha agenda cuidadosamente organizada em separadores numa das páginas extra na parte de trás.

Elaboro uma lista de coisas que nunca fiz mas que sempre quis experimentar. Uma hora mais tarde, recupero a coordenação necessária para escrever tudo no portátil e classificar os itens por cores. Antes de carregar no botão para imprimir, ocorre-me um nome para a lista e escrevo as palavras *Lista do Que se Lixe* ao cimo da página.

Fico a olhar para a folha de papel impressa, perguntando-me porque raio é que escrevi isto. Será que consigo mesmo convencer o meu pai a deixar que o acompanhe durante o seu calendário da Fórmula 1? Melhor ainda, será que consigo mesmo fazer metade destas coisas? Ignorando as minhas dúvidas, pego na minha plastificadora pessoal porque, *pois*, eu sou uma dessas pessoas. Consigo dobrar o papel depois de algumas tentativas falhadas de origami e de grunhidos de frustração.

A *Lista do Que se Lixe* brilha em toda a sua glória plastificada. Sorrio para os vinte itens que escolhi audaciosamente, ainda que meio bêbada.

Lista do Que se Lixe

Nadar em pelota.
Comprar um vibrador.
Experimentar preliminares com gelo.
Beijar um estranho.
Fazer *karaoke* enquanto bebo.
Experimentar novas comidas.
Saltar de paraquedas.
Ver pornografia.
Jogar *strip poker*.
Ser amarrada.
Ser vendada.
Vir-me com sexo oral.
Experimentar sexo ao espelho.
Fazer sexo em público.
Fazer sexo contra a parede.
Ficar pedrada.
Dar uma rapidinha.
Fazer sexo ao ar livre.
Beijar alguém em frente à Torre Eiffel.
Ter orgasmos múltiplos numa noite.

Agora só preciso de fazer uma última coisa, provavelmente uma das tarefas mais difíceis antes de poder começar a riscar itens da minha lista.

Convencer o meu pai a deixar-me ir com ele.

— Tenho algumas regras antes de te juntares à digressão. Se as quebrares, reservo-te um lugar no primeiro voo de regresso a Itália. — O meu pai bate no seu iPad, ocupando o seu lugar habitual no sofá da nossa sala.

— Eu sei que tu és uma celebridade entre os engenheiros, mas quando lhe chamas digressão, até parece que és uma estrela de *rock*.

— Famoso entre os cromos, adoro isso. — Ele faz um gesto *rock and roll* com a mão que nunca mais deveria voltar a fazer. — De qualquer forma, a primeira regra é que eu quero que faças os possíveis para te manteres afastada dos pilotos. Estou a falar a sério, porque eles tendem a ter intenções questionáveis. Segunda: tens de estar em contacto comigo todos os dias para que eu possa ter a certeza de que não estás morta numa vala, por aí algures. E, por último, mas não menos importante, não te metas em sarilhos. Agora repete-me o que eu acabei de dizer.

— Estás a ficar velho, a precisar de toda esta repetição.

— Só por eu ter cabelos brancos não quer dizer que seja velho. — Ele passa a mão pelas suas madeixas espessas.

O meu pai pode ser descrito como qualquer coisa menos velho e desmazelado, infelizmente para mim, porque está solteiro, e é claro que as mulheres se tentam aproximar. Elas são atraídas para ele como se a sua aura anunciasse dinheiro e bocados bem passados.

— Não, mas o facto de teres mais regras do que o manual de uma escola privada dá cabo do teu ar de jovem raposa prateada.

— Por favor, segue as regras. É tudo o que te peço este verão.

O meu pai adora regras porque teme que eu acabe como a minha mãe. Não falamos muito dela desde que nos deixou, pouco depois de me ter tido, decidindo que queria ir salvar países subdesenvolvidos. A ideia das fraldas e dos biberões deixava-a sobrecarregada e impedia o estilo de vida despreocupado que ela adora. Hoje em dia, a minha mãe vive nas suas sete quintas em África, com o seu novo namorado, que é cinco anos mais velho do que eu.

Eu diria que o meu pai tem problemas de abandono não revelados. Sempre que falo com a minha mãe — o que é raro —, ele tenta ter a certeza de que eu não quero reservar já o meu próximo voo para longe dele.

— Se eu não estivesse prestes a fazer vinte e dois anos este ano,

provavelmente ias obrigar-me a usar uma daquelas trelas para criancinhas, para me manteres num raio de metro e meio.

Ele olha para o teto.

— Não me tentes, porque neste momento essa ideia parece-me mesmo muito boa.

A sua vigilância agravou-se quando entrei para a faculdade, uma vez que ele não conseguia controlar os desejos dos rapazes excitados, tal como os dos pilotos de Fórmula 1. A situação chegou a um ponto em que ele pagava convenientemente para eu viajar todos os verões — sempre coincidindo com as suas viagens da Fórmula 1.

Lanço-lhe um olhar tão severo que conseguiria derreter aço.

— Podes relaxar, por favor? Não vais conseguir proteger-me de todos os homens que se cruzarem no meu caminho.

— Mas bem posso tentar... — Os dentes do meu pai mordiscam o seu lábio inferior enquanto revê o nosso itinerário. Ele não vai conseguir estragar a diversão deste verão. Eu quero conhecer pessoas novas, explorar cidades diferentes e cometer alguns erros, porque sabe Deus como eu preciso disso. As pessoas subestimam o quanto é difícil ser a filha perfeita para o meu pai, sempre a esforçar-me para ser a melhor só para lhe agradar. Estou a falar de notas máximas, de quadros de honra e do clube equestre — tudo muito pretensioso da minha parte.

— Lembra-te de que tens de acabar o semestre com nota máxima para eu cumprir a minha parte do acordo. Vou verificar as tuas médias antes de entrares no avião.

— Também queres que eu sincronize o meu calendário de estudo com o teu telemóvel? Assim, podes conferir todo o meu horário.

Ele tenta conter um sorriso.

— Não sei como é que te criei para te teres tornado tão espertinha, mas isso nota-se nas alturas mais inconvenientes. Eu só quero ter a certeza de que te vais formar a tempo.

Falta-me um ano para atravessar o grande palco com um diploma de contabilidade na mão e um sorriso falso estampado na cara. O meu pai diz que os números são seguros. Eles gritam estabilidade financeira e independência, mas a única que está realmente a gritar sou eu. Mas escolhi este curso para tranquilidade do meu pai, porque ele me tem apoiado incessantemente ao longo dos anos. Sacrificou parte de si próprio para ser tudo o que eu precisava e mais ainda, sem nunca ter acrescentado uma nova mulher ao nosso duo.

— Mas eu sempre sonhei em ser como as outras filhas dos diretores da Fórmula 1, com um cartão de crédito ilimitado e mais malas *Chanel* do que a própria Coco — digo eu a bater as pestanas para ele.

— É melhor eu deixar a minha carteira trancada durante a noite.

— Oh, pai... Hoje em dia é tudo digital, por isso já tenho o teu Amex adicionado à minha Apple Wallet.

Ele finge estremecer.

— Espero que não me arranjes uma conta exorbitante com todas essas compras na Europa.

— Espero que saibas que tenho outros planos para além das compras.

— Mal posso esperar para saber quais são.

Encolho-me só de imaginar o meu pai a deitar a mão à minha lista. A minha *Lista do Que se Lixe é sexy*, ousada e arriscada para uma seguidora de regras como eu, com alguns itens que fariam corar as freiras do convento local. Provavelmente, atirariam uma garrafa de água benta à minha cabeça, na esperança de me deixarem inconsciente e de me salvarem de uma vida de imoralidade e de condenação eterna.

Ele lança-me um sorriso suave.

— Tu sabes porque é que eu faço isto tudo, certo? As regras e essas coisas?

— Porque gostas de versões de tortura menos sangrentas? — Deixo-me cair numa cadeira.

O meu pai faz um revirar de olhos dramático, semelhante ao meu.

— *Não*. Porque tu não entendes o mundo da Fórmula 1. Tu tens um coração puro e os outros não. Criei-te longe de tudo isso, e às vezes preocupa-me que te tenha protegido demasiado na esperança de evitar que te magoasses.

A sinceridade das suas palavras atinge-me no peito como um murro. Vai ser um dia dececionante para o meu pai quando ele perceber que a sua menina já não é exatamente um bebé. Sinceramente, ele só vai perceber isso quando eu tiver o meu próprio bebé, porque as mulheres só destroem os ideais de castidade dos seus pais quando dão à luz.

— Eu não vou ser comida viva no mundo real. Criaste-me melhor do que isso. Se sobrevivi a uma escola só para raparigas e a três anos na universidade, acho que me consigo safar aí fora. Honestamente, temos sorte por as saias de xadrez e as raparigas malvadas não me terem causado danos psicológicos.

— Tu vais ser sempre a minha menina. A mesma que me fazia totós no cabelo para combinar com os teus, ou que me desenhava tatuagens a fingir pelos braços todos, com canetas de feltro.

— Por falar em tatuagens, isso era eu a experimentar desenhos para me

preparar para as verdadeiras. O que me lembra aquela minha ideia de fazer uma manga completa. O que achas?

Os olhos dele estreitam-se e o seu sorriso transforma-se num sobrolho franzido.

— Vou interpretar isso como um não. Bolas. — Estalo os dedos, a fingir que estou frustrada.

— Apareces com uma tatuagem, e não é no primeiro avião para Itália que tu vais estar. Oh, não. Tu vais é direitinha para a Antártida, fazer uma viagem única na vida para ver pinguins e icebergues a derreter.

— Pergunto-me se o Leonardo DiCaprio estaria disposto a avaliar comigo os danos causados pelas alterações climáticas. Ouvi dizer que ele também gosta de visitar o Polo Sul — lanço-lhe um sorriso malicioso.

— Gira daqui antes que eu te revogue o bilhete de avião e o passe de acesso total.

Faço uma careta de falso horror. Ele levanta-se da poltrona e puxa-me para um abraço rápido, espremendo o ar dos meus pulmões.

Estou grata pela sua clemência na questão da Fórmula 1. Posso trocar os *cocktails* virgens por champanhe, os insufláveis por eventos de gala e o meu fato de princesa por vestidos de noite. Finalmente, vou viver a vida que os meus gostos luxuosos merecem.

Os homens deviam ser a menor das preocupações dele porque, desculpem a minha linguagem, mas eu estou pronta para foder esta merda toda.